

EFEITO VINÍCIUS PRODUZ RESULTADO POSITIVO

Antonio Carlos Nogueira Reis¹

Acabávamos de encaminhar para publicação neste jornal o nosso segundo artigo sob o título “A Punição do Racismo no Futebol (II)”, em continuação ao antecedente (A Tarde, 28/6) quando tive conhecimento de uma matéria que me chamou a atenção, intitulada “Efeito Vinícius Júnior” e publicada no jornal Correio, desta capital, em sua edição do dia 04 deste mês, com base em notícia originária do jornal espanhol El País.

Diante da repercussão negativa que resultou do episódio amplamente divulgado tendo como alvo de manifestações racistas o craque brasileiro Vinícius Júnior, do Real Madrid, em jogo realizado no Estádio do Valencia, eis que, afinal, o mundo do futebol toma conhecimento de uma medida oficial antirracista adotada pelo governo espanhol através do Ministério do Interior determinando que “as forças de segurança poderão interromper partidas e até mesmo esvaziar um estádio quando houver casos de racismo e xenofobia”. Segundo o jornal, “a polícia poderá orientar o árbitro “a não iniciar, a paralisar ou a suspender um jogo”, de forma temporária ou definitiva, quando o caso de discriminação for considerado grave”. O esvaziamento do local pode ocorrer se a polícia interpretar a situação como sendo um “caso urgente de segurança pública ou de risco grave”. Até o fim da última temporada somente a arbitragem tinha o poder de interromper uma partida.

As medidas serão implementadas de maneira gradual e em comum acordo com os árbitros, mas decisão unilateral está prevista caso “as chamadas para restaurar a ordem tenham sido esgotadas”.

É evidente que as determinações do governo espanhol têm o seu raio de ação limitado àquele país. Além disso, mesmo sendo aplicáveis apenas em partidas realizadas dentro das suas fronteiras, tais determinações não poderão colidir com as normas que venham a ser decretadas, a nível mundial, pela FIFA.

¹ Advogado, membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia.

Enquanto isso, espero que o precedente do governo espanhol possa servir de exemplo e inspiração para outros países na edição de seus próprios regramentos a respeito do assunto.

O desejável, porém, é que aquele organismo intencional não tarde em editar as normas que já se tornam necessárias para regular o assunto em todo o planeta.

Na Espanha, onde, cultivando-se o passado na tradição das touradas, o povo pede o sacrifício do touro, hoje, em surpreendente avanço, se permite que forças policiais intervenham em estádios de futebol para reprimir manifestações racistas. É de se esperar que, enquanto a FIFA não regule o assunto a nível internacional, que outras nações europeias o façam – e até sul-americanas, onde já existem precedentes de racismo tendo como alvo jogadores brasileiros, em partidas pelas Copas Libertadores e Sul Americana.